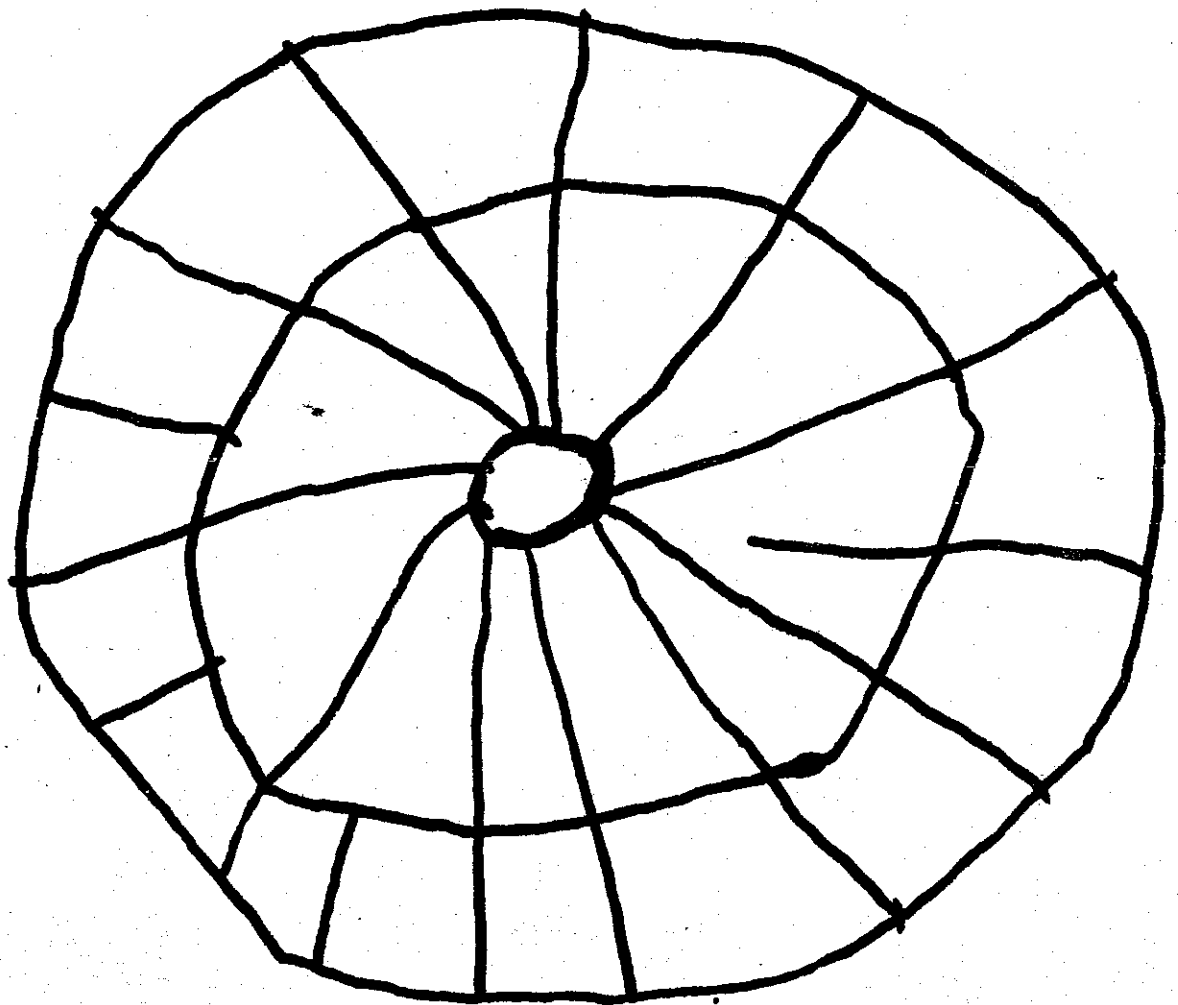


NOTAS SOBRE
OS GRUPOS LOCAIS YANOMAMI
DA BACIA DO MÉDIO RIO CATRIMÂNI



Loretta Emiri
Missão Catrimâni, Agosto de 1982
(Setor Indigenista da Diocese de Roraima)

Í N D I C E

Introdução.....Página 2

I. O POVO YANOMAMI

1)	Localização.....	"	4
2)	Mapa do Território Yanomami.....	"	5
3)	Apresentação da etnia.....	"	6

II. OS YANOMAMI DO CATRIMÂNI

1)	Histórico.....	"	8
2)	Habitat.....	"	10
3)	Mapa da bacia do médio rio Catrimâni e localização das malocas.....	"	11
4)	População recenseada.....	"	12
5)	Observações sobre os grupos locais.....	"	13
6)	Caça.....	"	17
7)	Pesca.....	"	19
8)	Roça.....	"	20
9)	Coleta.....	"	22
10)	Cultura material.....	"	23
11)	Calendário da vida.....	"	26
12)	Festa.....	"	28
13)	Mitologia.....	"	30

I N T R O D U Ç Ã O

Durante o "Encontro de Educação Indígena", organizado pela OPAN em Fátima de São Lourenço de 12 até 17 de Fevereiro de 1982, os participantes tomaram o compromisso de:

- elaborar individualmente um plano curricular, experimental, de Estudos Sociais, tendo como base a realidade do grupo onde cada um atua;
- fazer cada um desses trabalhos chegar às mãos dos demais participantes;
- formular então um currículo amplo e abrangente, que incorpore também a realidade nacional como um todo, no que se refere ao tema.

Objetivo desta iniciativa é esboçar material escolar a ser usado nas "escolas para os indígenas".

Saindo desta premissa fui elaborando o presente trabalho: me baseei na experiência pessoal feita entre os Yanomami numa vivência de quatro anos e tive a colaboração do colega Irmão Carlo Zacquini.

Os dados que se referem aos Yanomami do Catrimâni não podem ser generalizados para toda a etnia.

As notas sobre os vários assuntos, longe de ser exaustivas, são apenas pinceladas que introduzem aos mesmos.

As palavras sublinhadas são termos yãnomamê.

Nos elencos da flora e da fauna, alguns nomes são colocados ao plural por existir várias espécies.

O desenho da capa é de Atriyãno Hewenahipitheri e representa a maloca: foi feito aos 14/01/1980, durante uma aula de alfabetização.

Fontes:

- "Missioni Consolata", 09/1979;
- "Parque Indígena Yanomami - Proposta de Criação e Justificativas", CCPY, 1979.

Os trechos entre aspas foram tirados deste estudo.

Loretto Luivri

I. O POVO YANOMAMI

1) LOCALIZAÇÃO

"Os Yanomami ocupam tradicionalmente uma extensa área de floresta tropical, na região da fronteira entre o Brasil e a Venezuela.

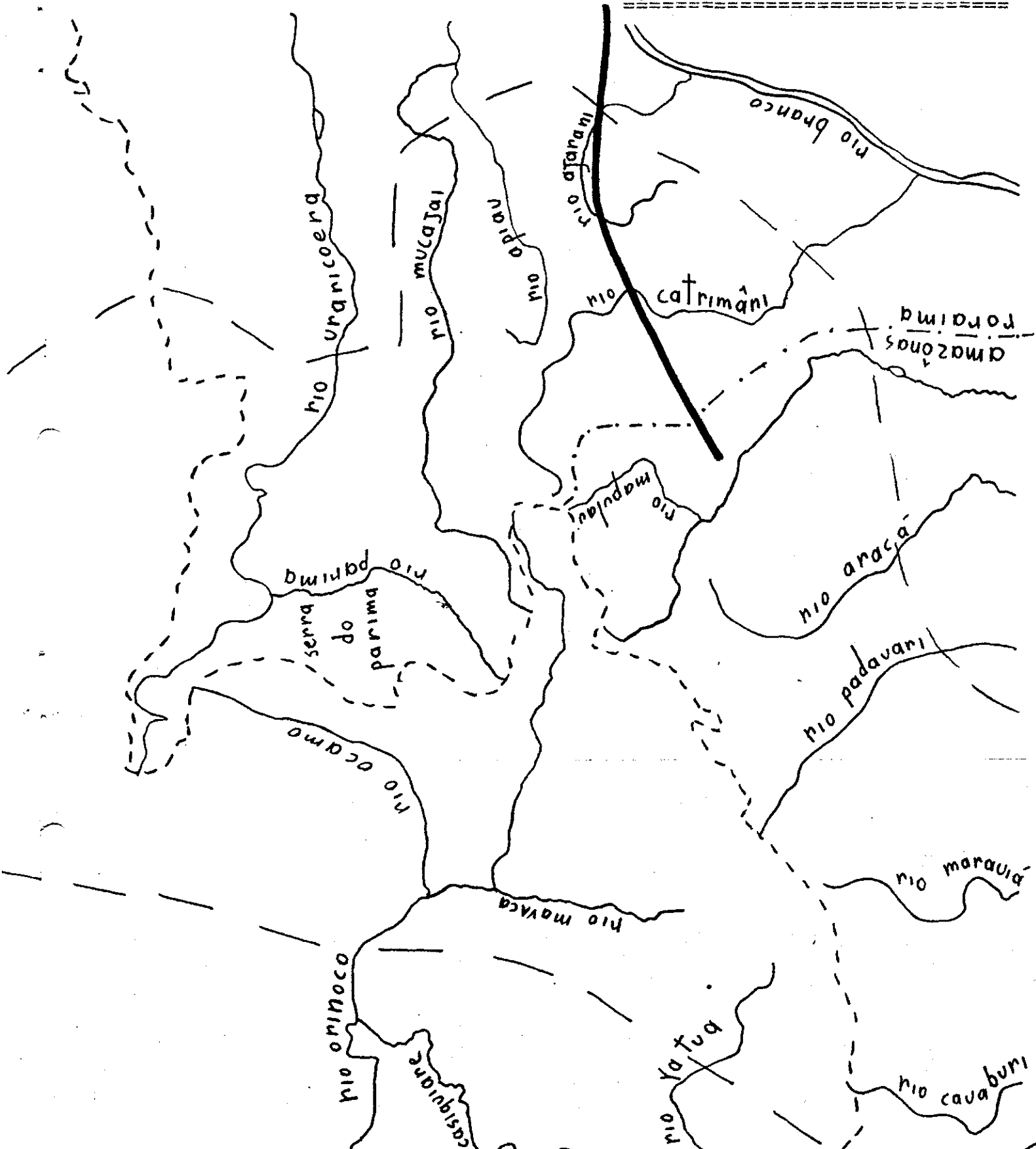
Dispersos em cerca de 320 aldeias, os Yanomami totalizam, nos dois países, uma população de aproximadamente 16.400 indígenas, constituindo-se no maior grupo ainda em grande parte isolado do contato com a sociedade envolvente.

No Brasil, os Yanomami habitam áreas compreendidas no Território Federal de Roraima e no Estado do Amazonas. O número de habitações é de aproximadamente 203 e a população total é estimada em 8.400 Yanomami, a maioria dos quais vive ainda segundo seus padrões culturais tradicionais".

Os Yanomami ocupam a área desde tempos remotos: isso é comprovado pela própria tradição oral dos indígenas e pelos relatos de exploradores e membros de expedições científicas que percorreram a região.

O centro de expansão dos Yanomami parece ter sido a Serra do Parima.

2) MAPA DO TERRITÓRIO YANOMAMI



- Convenções:
- BR 210 - Perimetral Norte
 - Divisa Brasil/Venezuela
 -** Divisa Roraima/Amazônas
 -** Território Yanomami

3) APRESENTAÇÃO DA ETNIA

"Cada maloca yanomami" geralmente "compreende apenas uma habitação, onde coabitam várias famílias extensas, ligadas por laços de intercassamento, num total que varia de trinta a cem indivíduos.

As aldeias mais próximas mantem entre si relações sociais e rituais frequentes, formando conjuntos de grupos locais ligados por constantes intercâmbios, que se traduzem em trocas de bens e em alianças matrimoniais".

A movimentação entre aldeias ou conjuntos de aldeias é intensa.

Os indígenas utilizam, ao redor da habitação, uma área para abrir roças onde cultivam alimentos e vários tipos de plantas usadas na produção de artefatos e mágicas.

Para caçar, pescar, coletar frutos e matérias primas para produção de artefatos, os Yanomami utilizam quase quotidianamente uma área de trinta Km. de diametro. A coleta representa vinte por cento dos produtos alimentícios e é fonte de proteínas vegetais, que equilibram a deficiência dos produtos da roça e a irregularidade de caça e pesca.

Os grupos locais yanomami se deslocam periodicamente de dez a trinta Km., cada quatro a oito anos, em razão:

- do esgotamento da terra e do potencial da caça e coleta;
- mortes ou epidemias;
- hostilidades entre as comunidades.

As velhas roças abandonadas são usadas ainda por muitos anos, para colheita de alguns dos produtos anteriormente cultivados.

Após um necessário período de recuperação ecológica, a área pode ser novamente ocupada pelo mesmo ou outro grupo local.

"As áreas compreendidas entre as diversas aldeias ou entre os conjuntos de aldeias, bem como as áreas de perambulação, estão cobertas por uma densa rede de trilhas, pontilhadas de inúmeros acampamentos de caça e de viagem e antigas roças.

Cada parcela da floresta é aproveitada, tem nome, é percorrida com íntima familiaridade e impregna a memória do grupo, através de relatos históricos e mitológicos".

Por estas razões o território yanomami não se limita ao local e imediações das aldeias.

Para designar os Yanomami foram usadas várias denominações, entre as quais:

Waika, Guaika, Xirixana, Xiriana, Xamatari, Pakitai, Parahuri, Guajaribos, Karimé, Yawári.

Uns destes nomes passaram a ser usados como auto-denominação por alguns grupos locais.

Pertencem à família linguística yanomami quatro sub-grupos:

Yãnomamè, Sanumá, Ninam, Yanõmamý.

II. OS YANOMAMI DO CATRIMÂNI

1) HISTÓRICO

Da Serra do Parima, núcleo secular do universo yanomami, pressionados por grupos mais fortes e a procura de terras mais férteis e com melhor potencial de caça, desde a metade do século passado, uns grupinhos de Yanomami aos poucos foram descendo na bacia do médio rio Catrimâni, onde se estabeleceram.

Os primeiros contatos que tiveram com a sociedade envolvente, e dos quais temos notícias, são:

- 1929 G. Salathé encontra o grupo local Karimé na região
1930 do médio rio Catrimâni.
- 1930 D. Holdridge localiza Waika na região dos rios Catrimâni e Demini.
- 1930 Uns balateiros, utilizando mão de obra indígena, exploram a bacia do médio rio Catrimâni.
Durante uma festa matam alguns Yanomami e fogem.
- 1944 A. C. Ferreira Reis, sobrevoando a área, constata a presença de malocas waika na região dos rios Lobo de Almada, Toototobi, Mucajai, Mapulau e Catrimâni.
- 1944 Brás Dias de Aguiar constata a presença de Waika na região dos rios Catrimâni, Lobo de Almada, Toototobi, Mucajai e Mapulau.
- 1959 O aventureiro Pacheco visita o alto rio Catrimâni e fica retido pelos indígenas durante treze meses. Voltando em seguida com o Padre Bindo Meldolesi à maloca do Tuxaua José, a encontram vazia. Quando já estão indo embora, encontram o Tuxaua Chico Opiktheri.

- 1965 No dia 26 de Novembro, os Padres Bindo Meldolesi e Giovanni Calleri da Prelazia de Roraima chegam até a cachoeira do Cujubim e dão começo à Missão Catrimâni.
- 1974 A BR 210, Perimetral Norte, corta o sul do território yanomami.
 "As equipes de desmatamento, contratadas sem qualquer controle de saúde, penetram maciçamente na região, trazendo as primeiras gripes e o sarampo, mortais para os Yanomami.
 Na região do igarapé Repartimento e rios Ajarani e Pacu, o contato com os trabalhadores da estrada causa a morte de inúmeros indígenas, reduzindo treze aldeias a oito pequenos grupos de famílias que vivem maltrapilhos e dispersos, à margem da estrada".
 Atualmente contam ao todo com setenta supérstites. À altura do Km. 145 da Perimetral Norte, os grupos do Catrimâni também são atingidos por inúmeras epidemias de gripe, faringite, sarampo, que causam várias mortes.
 Nos trinta e oito meses anteriores à chegada dos primeiros trabalhadores da estrada, os missionários do Catrimâni efetuam 4.596 (quatro mil, quinhentos e noventa e seis) atendimentos a doentes; nos trinta e oito meses subsequentes, o número de atendimentos eleva-se a 18.488 (dezoito mil, quatrocentos e oitenta e oito).
- 1977 Na região do Catrimâni, o segundo surto de sarampo desde a chegada da estrada mata sessenta e oito indígenas.

2) H A B I T A T

Estamos em plena floresta tropical, logo acima da linha equatorial.

A chuva é muito abundante nos meses de abril até setembro.

Também durante a época seca a umidade é elevada: acima de 60%.

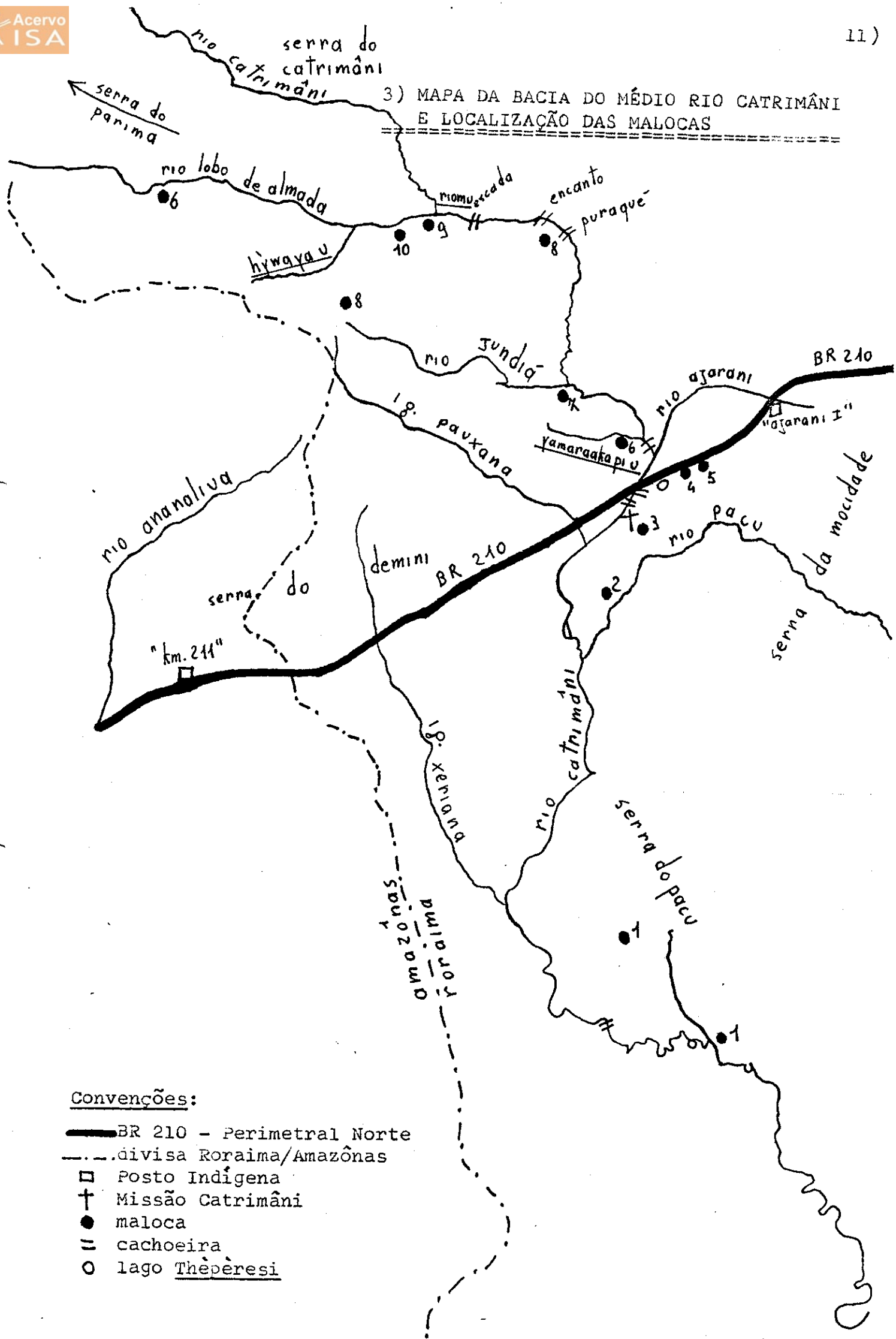
A temperatura varia entre 20º e 37º.

O rio Catrimâni é de água branca barrenta. Onde começam as cachoeiras, aí começa o habitat dos Yanomami, que é caracterizado por abundantes serras.

A vegetação é exuberante.

Inúmeros insetos infestam a floresta, alguns deles especialmente as margens dos rios: piun, carapaná, mutuca, carrapato, abelhas, caba, grilos, borboletas, gafanhotos, mucuim, meruim, moscas, besouros, barata, pulga, bicho de pé.

3) MAPA DA BACIA DO MÉDIO RIO CATRIMÂNI E LOCALIZAÇÃO DAS MALOCAS



Convenções:

- BR 210 - Perimetral Norte
- - - - - divisa Roraima/Amazônas
- Posto Indígena
- † Missão Catrimâni
- maloca
- = cachoeira
- lago Thèpèresi

4) POPULAÇÃO RECENSEADA

	GRUPO LOCAL (ver mapa)	POPULAÇÃO (Arquivo Missão Catrimâni, 11/1981)
1	HAWARIHIPITHERI (duas malocas)	26
2	WAPOKOHIPITHERI	18
3	WAKATHAUTHERI	67
4	OPIKATHERI Km. 135	44
5	OPIKATHERI Km. 132	27
6	MAXIKOPIUTHERI (duas malocas)	25
7	HEWENAHIPITHERI	55
8	MANIHIPITHERI (duas malocas)	9
9	IROPITHERI	19
10	UXIUTHERI	<u>12</u>
	Total	302
		===

5) OBSERVAÇÕES SOBRE OS GRUPOS LOCAIS

- Os Maxikopiutheri foram dizimados por várias epidemias, após a abertura de um Posto Indígena no rio Mapulau.

Este, que era o grupo mais afastado da Missão Catrimâni morando a cinco dias a pé, no fim do ano de 1981 se deslocou no igarapé Yamaraakapi u, a duas horas de caminho. Até o momento continuam usando periodicamente a roça velha no alto rio Lobo de Almada.

- Os Uxiutheri foram reduzidos a metade pelo sarampo de 1977.

Sobreviveram uns velhos, poucos homens e somente duas meninas.

Ainda hoje não se vê como poderão se recuperar.

- Os Iropitheri foram reduzidos a metade pelo sarampo de 1977.

Apesar disso parecem estar gradualmente se recuperando.

- Os Manihipitheri foram reduzidos a metade pelo sarampo de 1977.

Atualmente contam com oito homens e uma mulher.

Se deslocam frequentemente entre suas duas malocas e as malocas dos vizinhos.

Estão ainda a procura de uma saída para seus gravíssimos problemas.

- Os Hewenahipitheri sofreram as consequência dos sarampos de 1974 e 1977, ambas as vezes havendo alguns mortos.

Estão aumentando numericamente e gradualmente se aproximando da Missão Catrimâni.

- Meses depois da fundação da Missão Catrimâni, os Wakathautheri se estabeleceram ao lado dela.

Há quinze anos não se mudam do lugar.

Os dois sarampos não fizeram vítimas a não ser um aborto em 1974.

Tiveram um forte aumento populacional seja porque a eles se uniram indivíduos de outros grupos, seja pela maior assistência que tiveram morando perto da Missão.

- Os Hawarihipitheri foram dizimados, por várias epidemias, no contato com mariscadores, balateiros, aventureiros que subiram o baixo rio Catrimâni.

Entre eles houve também casos de tuberculose.

Só alguns foram atingidos pelo sarampo de 1977, que não causou mortes.

São utilizados por aventureiros para extração de sorva, seringa, castanha do Pará e são remunerados com cachaça, roupas velhas e algumas espingardas.

Estão utilizando duas roças: uma nas proximidades do rio, onde um indígena tikuna convive com uma mulher yanomami e que acerca de treze anos serve de intermediário entre os Yanomami e aventureiros e extrativistas; a outra maloca está localizada no pé da serra do Pacu, onde vivem uns meses por ano.

- Um pequeno grupo de Hawarihipitheri abandonou a área se aproximando da Missão Catrimâni, onde formou o grupo dos Wapokohipitheri.

Foram atingidos pelo sarampo de 1977, que porém não causou nenhuma morte.

- O grupo dos Opiktheri foi formado praticamente por um só homem, que teve sete mulheres e tem atualmente vinte filhos, todos eles adultos.

Aos Opiktheri se juntaram remanescentes dos "Yawári" que moravam no alto rio Pacu e que foram dizimados a causa do contato com aventureiros que andaram pela região.

Alguns "Yawári" das cabeceiras do rio Ajarani foram também vitimados durante uma incursão guerreira dos Opiktheri, que levaram suas mulheres.

Os Opiktheri mantem melhores relações com os grupinhos do rio Ajarani, de onde a cerca de cinco anos levaram porém uma mulher.

A língua dos Opiktheri difere bastante da dos outros grupos locais do Catrimâni.

Os mais novos deles são particularmente irrequietos, se comparados aos outros Yanomami da área.

O transtorno provocado pela chegada da estrada neste grupo foi enorme.

Se deslocaram do rio Pacu perto da estrada.

Especialmente os mais novos eram frequentadores assíduos dos acampamentos dos trabalhadores da estrada.

Deixaram de fazer roça.

Tomaram atitudes de brancos, rejeitando alguns valores da própria cultura.

Por um ano todos eles ficaram morando perto do Posto Indígena no Km. 211 da BR 210.

Ainda hoje alguns deles aí passam longas temporadas.

Continuam visitando o Posto Indígena "Ajarani I" e as duas serrarias que estão à beira da estrada, chegando até Caracarai.

Às vezes prestam serviços nas fazendas para ganhar algumas roupas.

O surgimento de novas lideranças levou-os a dividir-se em dois grupos que se localizaram às margens da estrada, a três Km. um do outro.

Na maloca do Km. 135 ficaram os mais idosos, na maior parte casados.

Três homens entre eles têm duas mulheres cada.

Na maloca do Km. 132 ficaram os mais novos, em maior parte sem mulheres.

As inúmeras epidemias que os atingiram, inclusive as de sarampo, só causaram a morte de três lactentes quando estavam no Posto Indígena do Km. 211.

6) C A Ç A

Uma das principais ocupações dos homens é a caça. Quase diariamente, sozinhos ou em pequenos grupos, eles penetram no mato com arco, três ou quatro flechas, estojo e faca.

No estojo, além de pontas de flecha de reserva, carregam às vezes batatinhas mágicas para propiciar a caça e um par de formões de dentes de cutia que usam para refazer as pontas.

Só praticam a caça diurna. Sabem muito bem arremedar bichos. Não usam armadilhas. Raros são aqueles que possuem espingardas: por isso os bichos não são ainda espantados e se encontram relativamente abundantes e perto das malocas.

As penas e os couros de algumas aves são usados para fazer brincos, braçais, testeiras. O urubu rei e alguns gaviões são procurados só para tirar a penugem que é usada como enfeite nas festas e cerimoniais.

Para mostrar sua habilidade às vezes o caçador pendura perto da sua rede caveiras e ossos dos bichos mortos por ele.

Em preparação das festas o grupo local se desloca por vários dias longe da maloca: os homens se dedicam à caça e as mulheres à coleta.

A caça é logo moqueada para ser guardada até o fim da festa.

As pontas das flechas são:

- de taboca, para bichos grandes como anta, queixada, veado;
- envenenadas com yakoana, para os macacos;
- de madeira e osso de macaco, para aves e peixes;
- de madeira com várias pontas, para passarinhos.

Os animais comestíveis são:

anta, queixada, caititu, veados, guariba, coatá, cairara, macaco de cheiro, macaco da noite, cuxiu, zogui-zogui, tatu galinha, preguiças, esquilos, coati, paca, cutia, capivara, tamanduá bandeira, mambira, tamanduaí, jacarés, jabutís, algumas qualidades de cobras, jacamim, jacu, mutuns, cujubim, papagaios, tucanos, araçarís, araras, aracuão, inambus, pato.

7) P E S C A

A pesca é praticada com arco e flecha e com timbós. A introdução de anzóis de aço e linhas de nailon é recente: veio substituir o anzol feito com osso de canela de tatu e a linha de curauá, incrementando esta atividade.

A pesca com timbós é feita geralmente pelas mulheres, na época seca, em lagos, riachos e pontos do rio onde corre pouca água.

Usam timbó cultivado, ou uma espécie de cipó recolhido no mato.

O timbó é esmagado com pau e colocado na água.

Quando o peixe começa a boiar, o recolhem com peneiras.

Os Yanomami estão se aproximando dos grandes rios, para entrar mais facilmente em contato com os brancos, atraídos pelos bens materiais que estes possuem.

A canoa tradicional, feita de casca de árvore com reforços de madeira e amarrada com cipó, está sendo substituída por ubás mais resistentes e aptas à navegação em rios encachoeirados.

Estas ubás são cavadas em troncos de árvore.

Estão começando a usar o fogo para abri-las.

Os rios maiores têm maior potencial de pesca.

Os peixes mais comuns são:

piranha branca, piranha preta, piranha caju, surubim, jandiá, pacu, pacamu, filhote, pirandirá, mandubé, puraqué, raia, cará, mandi, cangati, sarapó, traira, curimatá, cascudos.

Procuram também:

tartaruga, tracajá, cabeçudo, perema, carangueijos, rãs.

Na época da desova, geralmente em janeiro, passam nas praias para recolher ôvos de tracajá e tartaruga.

8) R O Ç A

Cada família cultivava sua roça.

Os homens derrubam o mato e queimam, geralmente na época seca; limpam o terreno e plantam.

As mulheres recolhem os produtos da roça e os levam para casa carregando-os em paneiros.

Os genros têm a obrigação de preparar a roça dos sogros.

Cultiva-se:

macaxeira, mandioca, pupunha, cana de açúcar, batatas doces, cará, taioba, pimenta malagueta, mamão, abacaxi, tabaco, urucu.

Há várias qualidades de bananas que, com a mandioca, são alimento básico:

banana comprida, pacovim, maça, engana ladrão, nanica, najá, macuca, São Tomé branca, São Tomé roxa.

A Missão Catrimâni introduziu, entre outros:

laranja, limão, côco, caju, goiaba, manga.

Isso pensando de:

- enriquecer a dieta;
- criar, através da experiência, outra sensibilidade quanto às árvores frutíferas; de fato durante a coleta costumam derrubar as árvores ou galhos para recolher os frutos.

Para fabricar artefatos são cultivados:
algodão, curauá, cana de flecha.

Ainda na roça são plantados:

- vegetais que produzem sementes e folhas, usados como enfeite;

- batatinhas às quais atribuem poder "contraceptivo".

Estas são reduzidas em pó e esfregadas na barriga da mulher que dorme ou misturadas à mingau de banana que ela toma sem perceber.

Nenhuma mulher usa este pó espontaneamente, pois acredita-se que a torne estéril.

Outras batatinhas são consideradas úteis para proteger as crianças; outras para tornar valentes os homens que a usam; outras como afrodisíacos.

A maior parte destas batatinhas não são distinguíveis entre elas e somente quem as planta sabe quais são seus poderes;

- um tipo de capim que às vezes misturam com o alucinógeno.

9) C O L E T A

Embora nos últimos vinte anos, por causa do contato, o sistema de vida tenha tido algumas modificações relevantes, a coleta continua sendo uma importante fonte:

- de alimentação;
- de matérias primas para artefatos;
- econômica.

No mato são recolhidos, entre outros frutos: ingás, cacau, abiurana, piquiá, maçaranduba, bacaba, patauá, açai, buriti, buritirana, najá, cajuí, castanha do Pará, cupuí.

Recolhem também, para comer:

um tipo de lagarta, larva das palmeiras, cupim, cogulelos, mel.

Entre outras matérias primas, se recolhem: cipós, enviras, madeiras, folha de ubim, fibras, cascas, tabocas, óleo de copaiba, resina de jutaí, sorva, barro, alucinógenos.

Dizem não existir na área do Catrimâni o material para fabricação do curare.

O extrativismo de cipó, sorva, castanha do Pará, óleo de copaiba, cumaru, está se tornando importante fonte econômica, que a Missão Catrimâni procurou incentivar tentando:

- criar diversificação de recursos;
- certa independência econômica;
- valorizar a terra; comercializando os produtos, os indígenas começaram perceber o valor da terra e a importância de defendê-la.

10) C U L T U R A M A T E R I A L

A maloca é de forma cônica, medindo até quarenta metros de diâmetro e catorze metros de altura.

A estrutura é feita com madeira roliça amarrada de preferência com cipó titica ou ambé-coroa.

É coberta com folhas de ubim fixadas a sarrafos de paxiubinha que formam painéis de até três metros de comprimento.

Os painéis são fixados à estrutura com envira.

As paredes internas às vezes são reforçadas com madeira de açai.

Não há paredes divisórias.

Existem de duas a três entradas principais e outras menores para uso familiar.

Fazem parte da maloca jiraus para depósito de pertences e produtos da roça.

A quase totalidade do trabalho é executada pelos homens, cada um dos quais constroe a parte que servirá de abrigo à sua família.

O arco é feito com madeira de pupunha ou bacaba; a corda é de curauá.

As flechas são feitas com cana de flecha e penas de mutum amarradas com fio de algodão.

O estojo é de taboca com tampa de couro e é pendurado ao pescoço com corda de curauá, envira, ou algodão.

Entre os instrumentos de trabalho encontramos:

- queixo de queixada ou caititu, com o qual se alisa o arco;
- taboquinha, usada em vez de faca e tesoura;
- casca de pintadinho, para afiar os dentes de cutia dos formões.

Para recolher pupunha o Yanomami sobe a árvore por meio de dois engenhos feitos com paus roliços amarrados com cipó em forma de X: estes permitem subir sem encostar na árvore cheia de espinhos.

Para subir nas árvores sem espinhos usam a paconha de vários tipos de cipó e outras fibras.

O fuso para fiar o algodão é formado basicamente por uma haste de madeira dura enfiada em um disco, que pode ser feito com:

- casca de jabuti ou tracajá;
- osso de pirarara ou pacamu;
- cabaça;
- beiju seco.

As redes podem ser de:

envira, cipó titica ou algodão.

A corda é de curauá ou envira.

Alguns estão começando a fazer os punhos na rede de algodão.

Executam vários tipos de trançados.

Com cipó titica fazem:

- paneiros de malha fechada e larga;
- cestos de malha fechada e larga, estes usados como pe-
neiras;
- tipiti, em forma de cesto.

Com folhas de najá fazem as portas da maloca.

Com folhas de tucumã fazem os abanos.

Com arumã executam tipitís usados nas festas.

Com barro fazem:

- panelas em geral de forma levemente cônica, com o fundo arredondado;
- pratos para cozinhar o beiju; para este fim usam também chapas de pedra.

Para carregar as crianças no colo ou nas costas, usam-se tipoias feitas geralmente de envira, e às vezes de fibras de bananeiras ou outras.

11) CALENDÁRIO DA VIDA

Não existindo números, não existem datas fixas no calendário yanomami.

As lembranças se relacionam com acontecimentos sociais, fatos históricos, ciclos da natureza, ritmo da lua.

As quantidades são expressas com os adjetivos:

pouco, emparelhados, alguns, vários, muitos.

A criança nasce fora da maloca ou no mato.

Ela mama até três ou quatro anos de idade, até que cede o peito ao irmão menor.

Em alguns casos as crianças são mortas pela mãe ao nascer, por várias razões. Entre elas:

- excessiva proximidade entre uma e outra criança;
- defeitos físicos;
- gêmeos.

Entre dois e quatro anos de idade são furadas as orelhas de meninos e meninas.

Com oito ou nove anos de idade, as meninas são furadas em três pontos logo abaixo do lábio inferior e no septo nasal, onde enfiarão hastes ou penas decorativas.

Durante a primeira menstruação, a menina fica escondida em um abrigo improvisado dentro da maloca, onde é servida nas suas necessidades pela mãe, tendo que respeitar certas restrições alimentares.

Ao sair da reclusão ela pode consumir o casamento, que geralmente está já decidido.

O rapaz, ao ser-lhe prometida e esposa, geralmente depois dos dezoito anos, assume o compromisso de prestar determinados serviços aos futuros sogros.

O xamã faz de intermediário entre os homens e os espíritos.

O xamanismo é prerrogativa dos homens, com raras exceções. Se o homem deseja ser xamã, é treinado para isso durante vários rituais pelos outros xamãs.

Quando alguém morre, o corpo é colocado em posição fetal, embrulhado na sua rede e guardado dentro de um fêretro de paus que é suspenso entre duas árvores no mato. Todos choram.

Os parentes próximos cortam os cabelos e as mulheres sujaram o rosto de preto.

Os pertences do morto são queimados ou destruídos.

Queimam-se os tapiris de caça onde ele pernaitou.

Destroe-se a plantação feita por ele.

Procura-se apagar os rastros.

Quando a carne terá apodrecido, põem os ossos numa cesta e a cesta é colocada na fogueira, no meio da maloca.

Uma vez queimados, os ossos são esmagados em um pilão.

As cinzas são recolhidas numa cabaça e guardadas pelos parentes mais próximos.

Em seguida são organizadas festas, durante cada uma das quais uma parte das cinzas é enterrada no lugar onde a família do morto faz o fogo.

12) F E S T A

Não todas as festas seguem os mesmos moldes.

Elas podem durar de três a oito dias.

O grupo local que organiza a festa faz uma caçada coletiva, que dura cerca de uma semana.

Chegando à maloca com a carne moqueada, alguém vai avisar os hóspedes em suas aldeias e volta com eles.

Na primeira noite, um dos hóspedes e um do grupo que organiza a festa, sentados no meio da maloca, abraçados, cantando trocam notícias.

Quando em dos dois cansa é substituído por outro.

Nas outras noites se executam danças.

Existem vários tipos delas:

- às vezes dançam somente as mulheres.

Mãos nas mãos, a grupinhos, fazem uns passos para frente e uns para trás, repetindo um refrão que é entoado por uma delas;

- outras vezes dançam somente os homens.

Agrupados, agitando numa mão flecha ou terçado, dão voltas no pátio interno da maloca, cantando refrãos diferentes daqueles das mulheres;

- mais raramente executam uma dança de casais, na qual os parceiros, mão na mão rodam, como na dança dos homens, cantando.

Durante o dia é oferecido a todos um abundante mingau, que pode ser de:

banana, pupunha, macaxeira ou taioba.

Às vezes oferecem vinho de açaí ou de bacaba.

Nunca usam bebidas alcoólicas.

Os homens oferecem-se reciprocamente esse alimento que ninguém pode recusar-se a tomar, chegando a ser uma espécie de desafio que às vezes causa até o vômito.

São os jovens homens que preparam estes mingaus.

Para o resto da dieta os homens ou as mulheres saem para caçar ou pescar.

Os hóspedes também participam destas atividades.

Todos os xamãs, geralmente num dos últimos dias, se reúnem para fazer xamanismo coletivo.

As mulheres, em outro cerimonial, enfeitadas com plumária e pintadas, ralam a mandioca sentadas ao redor de uma grande casca de árvore estendida no chão.

A massa é espremida pelos jovens homens e na véspera do encerramento as mulheres preparam o beiju.

Na manhã do último dia os homens se drogam, aspirando ou fazendo-se assoprar pelo nariz, com uma sarabatana, a yakoana em pó.

Logo após, um grupo de parentes e afins do morto enterram um pouco das cinzas, enquanto as mulheres choram.

Quando o efeito da droga está para acabar, aos pares os homens fazem o último canto cerimonial em que encerram as negociações e reafirmam pedidos e promessas.

Enfim são distribuídos aos hóspedes abundantes porções de carne moqueada e beijus novos, para a viagem de volta às suas aldeias.

13) M I T O L O G I A

Por não existir a língua escrita, as versões e interpretações dos mitos variam bastante entre cada área linguística, cada grupo local e até entre indivíduos do mesmo grupo, que os enriquecem ou modificam ao sabor da experiência pessoal.

O universo é formado por três camadas de terra sobrepostas:

- na de cima moram os defuntos e seres mitológicos como o Trovão e o Relampago.

Abaixo da camada estão uma série de espíritos que a seguram para evitar que caia, pois é velha e rachada.

Aí andam também os seres Lua e Sol;

- na camada do meio vivem os homens e um grande número de espíritos.

Praticamente todas as coisas, animadas ou não, possuem espírito.

Todos os homens possuem um alter-ego que vive uma vida paralela, sem nunca se encontrar com o indivíduo.

A morte do alter-ego causa a morte do homem com o qual se relaciona;

- na camada de baixo se repete a situação da camada do meio, havendo ainda temidos seres carnívoros.

Antigamente não havia bichos.

Os primeiros seres humanos se transformaram em bichos.

Os primeiros homens, Omã e Yoasi, eram dois irmãos. Não havendo mulheres, Omã copulou na perna de Yoasi, atrás do joelho e a perna ficou grávida, vindo a nascer um menino.

A primeira mulher foi pescada por Omã no poço de uma cachoeira.

O pai dela era uma enorme sucuriçu e foi ele que forneceu a Omã as primeiras plantas para cultivar.

Antigamente só o jacaré Iyo e sua mulher a rã Raeraemê possuíam o fogo: o guardavam escondido na boca e nas axilas.

Os outros seres só comiam alimentos crus.

O Beija-flor e outros fizeram uma dança engraçada na frente do jacaré e o fizeram rir.

Aproveitando do fato de ele ter aberto a boca, pegaram rapidamente o fogo e o puseram em algumas árvores, com a madeira das quais ainda hoje os Yanomami produzem o fogo.